

O “BOM” SAMARITANO (Lc 10,29-37)

REFLEXÕES HERMENÊUTICAS A PROPÓSITO DE “IGREJA SAMARITANA”

Irineu J. Rabuske*

Resumo

O artigo discute a validade exegética e hermenêutica da expressão “Igreja Samaritana”, usada no documento de Aparecida, e sua recepção. Inicia por lembrar o significado do gênero literário das parábolas nos evangelhos, para, depois, considerar o contexto e o texto da parábola do “bom” samaritano de Lc 10,29-37 e concluir que a aplicação à Igreja só pode acontecer como intenção de fazer o bem mediante projetos sociais e comunitários correspondentes.

PALAVRAS-CHAVE: Bom Samaritano. Igreja Samaritana. Lc 10,29-37. Aparecida.

Abstract

The article discusses the exegetical and hermeneutical validity of the expression “Samaritan Church” used in the document of Aparecida and its reception. It starts from remembering the meaning of the literary genre of the parables in the Gospels, and then considers the context and the text of Luke’s (10,29-37) parable known as “good” Samaritan, and concludes that the application to the Church only can happen as intention to do the well by means of correspondent social and communitarian projects.

KEYWORDS: Samaritan Church. Good Samaritan. Lk 10,29-37. Aparecida.

Igreja samaritana?

No Documento de Aparecida há várias referências ao “bom” samaritano e, por extensão, à samaritana do capítulo 4 do Evangelho de João¹. A expressão “Igreja samaritana” ocorre explicitamente uma

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

¹ Referências ao “Bom” Samaritano, aparecem, ademais, nos n. 135 e 176 de forma explícita e no n. 29, apontando a Lc 10,29-37. Referências à “samaritana” (Jo 4) ocorrem nos n. 135; 249; 353; 357. No n. 419 os agentes da evangelização são bons samaritanos. No n. 491 fala-se na “caridade samaritana” na evangelização. Por fim, no n. 537 o documento cita o discurso do papa Bento XVI, que, ao referir-se à

só vez, no n. 26. Em outras ocasiões há alusões, mas não ocorre mais a expressão como tal. É uma bela proposição, pois temos em mente o “bom” samaritano da parábola de Jesus e imediatamente fazemos a ilação: se a Igreja quer ser seguidora de Jesus, deverá ser também “samaritana”. Mas, antes de darmos a questão por simplesmente posta e encerrada, seria necessário retornar um pouco ao discurso parabólico de Jesus. Por isso faz-se necessário um pequeno desvio através da exegese. Esse esforço talvez nos ajude a captar com mais exatidão a mensagem central da parábola do samaritano misericordioso de *Lc 10,29-37* e a possibilidade de se falar em “Igreja samaritana”.

1 Parábola – uma forma literária

Estamos diante da forma preferida por Jesus para dirigir-se às “multidões”, que, com toda a plausibilidade, eram compostas principalmente por gente humilde, pobres, miseráveis, e, consequentemente, sem muita instrução formal. Mas Jesus queria ser entendido por essas pessoas. Por isso recorre a uma forma de comunicação que já existia. Jesus, contudo, tornou-se o grande mestre no uso da parábola.

O termo *parábola* (παράβολή)² ocorre 13 vezes em Marcos. Em 3,23 o termo ocorre pela primeira vez. Depois, concentra-se no capítulo das parábolas (4,1-35), voltando a ser usado em 7,17; 12,1. 12; e por fim em 13,28.

Desde Jülicher, que deu um novo impulso ao estudo das parábolas, a literatura tem-se multiplicado a respeito do assunto³, criando-se, a

evangelização da América Latina, diz que “devemos ir, ‘como bons samaritanos’, ao encontro das necessidades dos pobres...”. Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2008.

² Em todo o NT as ocorrências de *parábola* são: *Mt 17; Mc 13; Lc 18; Hb 2*; Total: 50 (Cf. MORGENTHALER, R.. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*, p. 128).

³ A bibliografia a respeito das parábolas é bastante extensa. Nas indicações seguintes pode-se encontrar bibliografia mais detalhada: JÜLICHER, A. *Die Gleichnisreden Jesu*. 2v.; JEREMIAS, J. *Die Gleichnisse Jesu*; DODD, Ch.-H. *Le Parabole di Gesù*; LAMBRECHT, J. *Le Parabole di Gesù*; FUSCO, V. *Parabola e Regno*: La Sezione delle Parabole (Mc 4,1-35) nella Prospettiva Marciana; Idem. *Oltre la Parabola: Introduzione alle Parabole di Gesù*; HARNISCH, W. *Die Gleichniserzählungen Jesu*; RICOEUR, P. *Ermeneutica Biblica*: Linguaggio e simbolo nelle parabole di Gesù; ERLEMANN, Kurt. *Gleichnisauslegung: ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Tübingen: A. Francke Verlag, 1999.

partir deste autor, inclusive, uma tradição interpretativa, rompendo-se com a interpretação alegórica. Começou-se a distinguir entre parábola e alegoria. A parábola tem sua origem no pensamento semítico, enquanto a alegoria é típica do modo de pensar greco-romano, se bem que também no AT existam alegorias⁴. Desde Jülicher também se fala de uma *teoria das parábolas* atribuída ao evangelista Marcos (cf. *Mc* 4,11-12), segundo a qual Jesus, mediante as parábolas, estaria falando em linguagem enigmática, que só seria decodificada para os discípulos⁵. Autores mais recentes, desde E. Schweizer, argumentam em sentido contrário: para Marcos as parábolas são a forma mais eficaz de comunicação que Jesus tem à sua disposição, pois as parábolas são absolutamente claras, embora endureçam aqueles que não queiram aceitar a mensagem de Jesus (cf. *Mc* 4,10-12. 33-34).

Isso não significa que interpretar as parábolas seja uma tarefa simples. Jesus fala aos seus ouvintes a partir de um mundo de experiências quotidianas que lhes é familiar, a tal ponto que os ouvintes possam dizer: “É isso mesmo”. Mas, do mundo dos ouvintes de Jesus para o nosso, há uma diferença. Com isso, as parábolas nos colocam diante do difícil problema que consiste em descobrir seu significado original.

Com o termo *parábola* (παραβολή), pode-se indicar vários tipos de comparações, pois à sua base está o conceito hebraico *mashal* que pode evocar a idéia de *imagem* ou *representação*⁶. Nos textos mais antigos *mashal* significa provérbio, cf. *ISm* 10,12. Depois passa a ser abertamente um canto satírico, cf. *Is* 14,4. Do uso popular, o termo passou ao uso sapiencial, ganhando a forma de provérbio, com o qual é celebrada a sabedoria de Salomão, que será considerado o exemplo de

⁴ Cf. KLAUCK, H. J. *Allegorie und Allegorese in synoptischen Gleichnistexten*, p. 4-31; HARNISCH, W. *Gleichnisse Jesu: Positionen der Auslegung von Adolf Jülicher bis zur Formgeschichte*. Cf. DODD, Ch.- H. *Le Parabole di Gesù*, p. 15ss. Cf. WEGNER, U. e HOEFELMANN, W. *Manual de Exegese*, p. 139, cita os seguintes exemplos de alegorias no AT: *Jz* 9,8-15; *Sl* 23,1-4; 80,8-16; *Pr* 5,15-20; 9,1-6; *Is* 5,1-7; *Ez* 13, 8-16; 16; 17; 23, etc.

⁵ Esta “teoria” remonta a J. JÜLICHER, que pensa em “alegorias” no seu v. 1, p. 107. 135. 137. 147s. Outros pensam que se trata de “enigmas”: WREDE, W. *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien*, p. 55; BOOBYER, G. H. The Redaction of Mark IV. 1-34. *New Testament Studies*, v. 8, p. 62, 1961-62. Cf. FUSCO, V. *Parola e Regno*, p. 172-173.

⁶ Cf. HAUCK, Παραβολή. In: KITTEL, R. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, v. 5, p. 741 -759.

sabedoria, graças ao seu dom de inventar provérbios (*Pr* 1,1; *Eclo* 47,14. Exemplo típico: *Pr* 26,18).

Na literatura sapiencial, passa a assumir a forma de uma verdadeira comparação, uma parábola. Assim, já no AT o gênero literário parabólico é uma realidade. O exemplo mais notável é *2Sm* 12,1-4. (cf. também *Is* 28,23-29 e *Is* 5,1-7).

Como se vê, não se trata de uma simples comparação, mas a parábola no AT consiste numa narração completa e compreensível em si, cujo significado primário pode ficar obscuro, enigmático, dependendo de uma chave de interpretação, como acontece em *2Sm* 12,7, quando Natã diz: “Tu és este homem”, ou como em *Is* 5,7 quando o profeta diz: “Pois bem, a vinha de Iahweh dos exércitos é a casa de Israel”.

Na apocalíptica a *parábola* se torna um meio didático para o ensinamento escatológico (cf. *Dn* 9,2.21ss).

Também no rabinismo a parábola é conhecida.

Em nosso caso, Lucas indica que Jesus responde ao seu adversário de discussão não por meio de um discurso abstrato, mas mediante uma parábola. É evidente que com isso Lucas não pretende tornar a resposta de Jesus enigmática. Como ocorre nos evangelhos sinóticos em geral, também aqui a intenção do evangelista é tornar a resposta de Jesus a mais concreta possível. O fato de Jesus falar *em parábolas* não comporta uma diminuição do valor da resposta de Jesus a seus adversários em geral, nem a esta circunstância concreta, em que está respondendo à questão colocada pelo doutor da Lei. Jesus não fala *apenas* em parábolas. Quando o evangelista Marcos se refere a Jesus, dizendo que ele falava em parábolas (*Mc* 4,33s), está indicando essa forma popular de discurso, tão aderente à sabedoria popular, em contraposição ao discurso teórico dos escribas e dos doutores da Lei. Pode-se aqui lembrar todo o capítulo das parábolas (*Mc* 4, 1-34) de Marcos. Naquelas parábolas aparece claramente esse aspecto de sabedoria popular.

2 Uma parábola “própria” de Lucas

Marcos é, a rigor, o evangelista das parábolas. Ele também apresenta o que se costuma chamar de “teoria das parábolas de Marcos”. Isso permite cogitar que Marcos mais intensamente se ocupou com a atividade didática de Jesus, enquanto contador de parábolas. Este evangelista realmente se preocupou com o sentido e a repercussão das parábolas: seriam elas um meio um tanto “esotérico” a que Jesus recorreu? Não!

Jesus tinha realmente a intenção e a preocupação de se fazer entendido pelos seus ouvintes. As parábolas, embora às vezes assim possa parecer, não são um ensinamento esotérico. Antes, são comparações estendidas, a partir de elementos da vida diária, que a todos eram conhecidos. O problema é que atualmente, em muitas parábolas, esse elemento da vida cotidiana já não nos é familiar. Com isso, a parábola pode parecer obscura.

Mas aqui, em nosso caso, estamos diante de uma parábola que somente se encontra no evangelho de Lucas, o que não deixa de ser significativo. Como já é de domínio geral, Lucas escreveu sua obra em dois volumes (*Lc + At*) em função de um grande projeto social. Como bom teólogo, ele também parte da realidade. E a realidade de sua ou de suas igrejas consistia principalmente no grande fosso que separava ricos e pobres. O evangelista então escreve com a clara intenção de provocar os ricos, para que se solidarizassem com os pobres. Trata-se, portanto, de um amplo projeto de fraternidade. O evangelho a serviço da comunidade fraterna⁷.

3 Texto e contexto

(Mt 22,34-40; Mc 12,28-34) ²⁵E eis que um doutor da Lei levantou-se desafiando Jesus e dizendo: “Mestre, fazendo o quê, herdarei a vida eterna?” ²⁶Jesus lhe respondeu: “Na Lei, o que está escrito? Como lês?” ²⁷Ele, então, respondendo, disse: “*Amarás o Senhor com teu inteiro coração, com tua inteira alma, com tua inteira força e com tua inteira inteligência; e a teu próximo como a ti mesmo*”. ²⁸Jesus então lhe disse: “Respondeste corretamente! Faze isso e viverás”. ²⁹Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”

³⁰Retomando, Jesus disse: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó e embateu-se com bandidos que, após desnudá-lo e feri-lo, foram embora, deixando-o semimorto. ³¹Ora, por acaso, um sacerdote descia por aquele caminho e, vendo-o, passou pelo outro lado. ³²De modo semelhante, apareceu também um levita, que, chegando ao lugar e vendo o homem, passou pelo outro lado. ³³Mas um samaritano, que estava viajando, veio até ele e, vendo-o, teve compaixão ³⁴e, aproximando-se, enfaixou as suas feridas, aplicando

⁷ Cf. ESLER, Philip Francis. *Community and Gospel in Luke-Acts: the social and political motivations of lucan theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

azeite e vinho. Depois, colocando-o sobre sua própria cavalgadura, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele! E o que acaso gastares a mais eu te devolvarei quando eu retornar’. ³⁶Qual desses três te parece que se tornou próximo do que se embateu com os bandidos?’ ³⁷Ele então disse: “O que teve piedade dele”. Disse-lhe então Jesus: “Tu! Vai e faz de modo semelhante!”

Lucas apresenta a parábola em função da pergunta que o mestre da Lei dirige a Jesus, querendo saber quem é seu próximo. A resposta vem em forma de parábola. Os vv. 25-29 não fazem parte da parábola. Eles apenas constituem o contexto imediato, a ocasião que levou Jesus a contar a parábola. Assim sendo, esses versículos introdutórios à parábola também já nos indicam a direção que a exegese deve tomar, para interpretar corretamente o que Jesus está dizendo.

Ao final da parábola o diálogo didático iniciado nos vv. 25-27 é levado à conclusão mediante a pergunta retórica de Jesus sobre quem se havia manifestado como sendo próximo do homem caído à beira da estrada. A resposta é óbvia, mas o interlocutor não se furta em dá-la.

Observa-se assim que a parábola está emoldurada por uma controvérsia ou diálogo didático entre Jesus e o mestre da Lei. Temos aqui um caso singular: Lucas apresenta um diálogo didático entre Jesus e o mestre da Lei, no qual o tema é o amor ao próximo. Em geral, nesse gênero literário, a resposta de Jesus costuma ser lapidar, tendo como conseqüência a derrota do adversário. Aqui não: Jesus ilustra sua resposta com uma parábola para que, ao final, o diálogo seja retomado e levado a uma conclusão em que ambos se mostram estarem em acordo: o samaritano mostrou ser próximo daquele homem caído à beira da estrada.

4 Re-leitura da Parábola

Quem é o próximo?

O mestre da Lei, não satisfeito simplesmente em saber da prioridade absoluta do amor a Deus e ao próximo para poder candidatar-se à vida eterna, resolve continuar a discussão. “E quem é meu próximo?” Jesus conta a parábola e o interpela, invertendo a ordem: “Qual dos três... foi o próximo do homem assaltado?”.

O sentido da parábola

O que, afinal, quer dizer a parábola do “Bom” Samaritano? A parábola, por sua natureza própria, apresenta uma única mensagem, decorrente da comparação de algum aspecto da vida concreta com as exigências ou características do Reino de Deus. Em nosso caso, ao longo da história, desde a Patrística, tem-se feito uma exegese alegorizante da parábola do “bom” samaritano. Exemplo extremo nos é oferecido por Santo Agostinho⁸.

Deixando de lado, portanto, toda e qualquer tentativa de alegorização, interessa-nos identificar qual o ensinamento que nossa parábola contém em relação ao mandamento do amor ao próximo. Já temos essa indicação de rumo a partir do contexto, ou seja, do diálogo que se estabeleceu entre Jesus e o mestre da Lei. A parábola, por conseguinte, quer dizer algo de específico, relacionado ao mandamento do amor ao próximo. Em que consiste essa especificidade?

Se a parábola foi pronunciada pelo Jesus histórico, não nos foi conservado o contexto em que ela surgiu. O atual contexto, em que ela serve de recheio para o diálogo didático, deve ser creditado à atividade redacional do evangelista Lucas. Então, cabe-nos a pergunta: qual teria sido o objetivo de Jesus, ao opor o comportamento do sacerdote e do levita, agentes do sistema religioso, ao comportamento, não de um “leigo” israelita, mas ao comportamento de alguém pertencente a um grupo herético, qual seja, ao grupo dos samaritanos? Em suma, é isso que encontramos na parábola em si.

Seria até normal que ao comportamento dos agentes do sistema religioso Jesus contrapusesse o comportamento exemplar de um “verdadeiro israelita” (*Jo* 1,47). Com isso, a parábola teria uma conotação “anti-clerical” e estaria propondo a autêntica prática de vida, na qual o amor ao próximo estaria em primeiro lugar. Com isso teríamos reforçada a imagem de Jesus como contestador do sistema religioso e da instituição do Templo. Jesus de Nazaré, com sua concepção religiosa marcada pelo campo, estaria contestando a religião organizada na cidade, em torno do templo de Jerusalém.

Infelizmente Jesus não faz essa contraposição entre agentes do templo e “genuínos” israelitas. Com isso fica desde já eliminada a possibilidade de se tratar de uma parábola com ingredientes “anti-cle-

⁸ SANTO AGOSTINHO, apud DODD, Ch.-H. *Le Parabole del Regno*. Brescia: Paideia, 1976 (Studi Bilibci 10), p. 15s.

ricais”. Se na parábola original se tivesse em mira a instituição, como não sendo mais apta a viver o mandamento do amor ao próximo, logicamente, um “leigo” teria sido convocado para servir de exemplo e paradigma. Nesse caso, a interpretação seria simples: a estrutura religiosa não favoreceria a prática do mandamento maior. Paradoxalmente, as pessoas do povo é que teriam mais condições e liberdade para cumprir o grande mandamento.

Surge então, para contrastar o sacerdote e o levita, inesperadamente, um samaritano! Quem não admite que a parábola possa remontar ao Jesus histórico, tem a seu favor as passagens em que Jesus não está em relação harmoniosas com os samaritanos. Ao enviar seus discípulos em missão, desaconselha-os a entrar em território samaritano (*Mt* 10,5). Em sua viagem a Jerusalém, é obrigado a mudar o roteiro, pois foi mal recebido pelos samaritanos (*Lc* 9,52). Por essas duas indicações, percebe-se que o Jesus histórico também estava envolvido nessa animosidade em relação os samaritanos⁹.

Não há argumentos suficientes para obrigar o Jesus histórico a estabelecer o contraste entre os agentes do templo e um judeu “leigo”. A atitude crítica de Jesus em relação ao templo não é absoluta, assim como também o povo da Galiléia não era radicalmente contra o templo. Antes, até havia certa simpatia pelo templo¹⁰.

Por último, também não se sustenta a tentativa de justificar o sacerdote e o levita, em virtude das exigências de sua função litúrgica¹¹. O próprio texto encarrega-se de desautorizar essa interpretação, pois diz que o sacerdote também “descia”, isto é, dirigia-se de Jerusalém a Jericó. Assim sendo, não faz sentido que o sacerdote passe pelo outro lado, para não se contaminar, caso o homem abandonado à beira do caminho já estivesse morto. Se o sacerdote “descia”,

⁹ No evangelho de Lucas temos ainda outra referência simpática aos samaritanos, em *Lc* 17,16. Um dos leprosos curados, o único a retornar para agradecer a cura, é um samaritano. Aqui já está clara a tendência redacional lucana, simpática aos samaritanos, como se pode ver também em *At* 8,5-8. Cf. FITZMYER, Joseph A. *The Gospel According to Luke X-XXIV*. New York: Doubleday, 1985, (Anchor Bible v. 28A), p. 1155.

¹⁰ Cf. THEISSEN, G. *Der Historische Jesus*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1996, p. 168. As fontes permitem que se identifique uma piedade marcante da população da Galiléia, relacionada com o centro do culto e instituições a ele relacionadas.

¹¹ Cf. VERMES, Geza. *The Authentic Gospel of Jesus*. London: Penguin Books, 2004, p. 152-154.

já havia cumprido sua eventual tarefa litúrgica. Além do mais, uma vez que se afastava de Jerusalém, podemos supor que com grande probabilidade se tratava de um daqueles sacerdotes que, como Zacarias (Lc 1,8) eram sorteados uma vez na vida para atuarem em Jerusalém. Logo, naquela circunstância, o sacerdote não tinha nenhum motivo concreto para evitar a contaminação ritual com um eventual cadáver. O levita que é citado de modo quase acidental, pode ser enquadrado nesta mesma consideração.

Portanto, o sacerdote e o levita, conforme nossa parábola, não cumprem o mandamento do amor ao próximo. Nada há que justifique o comportamento deles.

Quem é o “samaritano”?

Resta-nos decodificar o personagem que é apresentado como exemplo de cumprimento do mandamento do amor ao próximo, daquele que soube ter misericórdia. O texto diz que se trata de um “samaritano”. Como já vimos, este personagem não pode ser colocado pura e simplesmente em contraposição ao sacerdote e levita. O personagem oposto a eles seria um judeu “leigo”. Mas não. Trata-se de um samaritano. Por isso, é preciso recordar em breves traços, quem são os samaritanos.

Os samaritanos do tempo de Jesus são os habitantes da região norte, do antigo Reino de Israel, destruído pelas tropas de Senaqueribe em 720 a.C. e a conseqüente dispersão do povo por diversas regiões do Império Assírio aliada à introdução de outras etnias. Com isso, ocorreu a miscigenação entre remanescentes judeus e pessoas de etnias estranhas.

Os judeus, por sua vez, ao retornarem do Exílio da Babilônia, rejeitaram a colaboração dos samaritanos na reconstrução do templo de Jerusalém (cf. *Esd* 4,1-5). Com isso, tornou-se definitiva a ruptura entre judeus e samaritanos. Os judeus consideravam os samaritanos como não mais participando do povo da aliança. No tempo de Jesus a animosidade estava tão acirrada que os samaritanos chegaram a profanar o templo¹². Em termos atuais dir-se-ia que os samaritanos constituíam um grupo

¹² JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*, p. 203. No ano 9 d.C. por ocasião da festa da Páscoa, à meia noite os samaritanos tomaram conta da praça do templo, onde esparramaram ossadas humanas, tornando o local impuro. Isso nos leva a compreender o ódio que reinava entre judeus e samaritanos.

herético e cismático devido à transgressão da Lei, principalmente por se terem tornado uma população miscigenada com pessoas de origem pagã.

Esta é, pois, a procedência deste “bom” samaritano. Pelo histórico de seu povo e sob a ótica e um pregador judeu, seria o menos qualificado para ser apresentado como exemplo e paradigma do cumprimento da Lei, no que diz respeito ao mandamento do amor ao próximo. Ele não se presta como contraposição direta aos dois primeiros personagens, pois está historicamente fora do “povo de Deus”.

Conclusão

A parábola quer destacar quem se mostrou “próximo” e teve misericórdia do homem abandonado à beira da estrada. À primeira vista o ensinamento é tão primário, que o mestre da Lei deve ter sentido o constrangimento de responder a Jesus dizendo o óbvio. Por isso mesmo, em vez de simplesmente dizer que o samaritano havia se mostrado como próximo do homem caído à beira da estrada, respondeu dizendo: “O que teve piedade dele”. Também não é de excluir que a circunlocução, evitando a designação “samaritano”, seja mais uma expressão do desprezo dos judeus pelos samaritanos. O doutor da Lei nega-se a pronunciar esse nome. O samaritano, que já não tem nome, também é desprezado em sua designação de origem.

Com isso já se nos apresenta uma pista para uma atualização hermenêutica. O samaritano consegue cumprir o mandamento do amor. A rigor, basta isso: é preciso imitar esse samaritano, em situações concretas, como concreta foi a situação do homem que tinha entrado em combate com bandidos e havia levado a pior. Essa é a lição da parábola.

Contudo, nós que lemos a parábola com um grande distanciamento, nos colocamos ainda algumas questões adicionais.

Em primeiro lugar, muitas edições colocam a parábola sob o título “bom samaritano”. Cabe a pergunta: o samaritano é “bom”, em comparação ao sacerdote e levita, ou em comparação com os demais samaritanos? O texto em si, não qualifica o samaritano, apenas o designa pela sua origem.

Em segundo lugar, não se justifica fazer do samaritano o contraponto da religião institucional, ou seja, não se pode fazer do samaritano um representante do povo, em oposição às estruturas religiosas.

Em terceiro lugar, não se pode justificar a atitude do sacerdote e do levita recorrendo ao código de pureza ritual, pelas razões que acima já vimos.

Em quarto lugar, é preciso levar em conta que o samaritano, no tempo de Jesus, era considerado como alguém que não estava em comunhão com o sistema religioso israelita. Isso fica claro no diálogo entre Jesus e a samaritana¹³ em *Jo* 4,7-9.

Portanto, a oposição se dá, rigorosamente, entre representantes do culto israelítico e um simples seguidor de um grupo segregado e considerado não ortodoxo. Assim sendo, a atitude do samaritano não é alternativa à atitude dos clérigos da parábola, embora tenha também um pouco desse ingrediente, mas é alternativa a quem quer que seja, que, independentemente das responsabilidades que possa ter e do grupo religioso do qual possa fazer parte, não vai em socorro, não usa de misericórdia com quem está à beira do caminho. Com isso também está dito que ninguém e nenhum grupo, em nome de nenhum projeto e de nenhuma designação religiosa, poderá, por antecipação, reivindicar para si a qualificação que este samaritano do evangelho adquiriu.

A designação “Igreja samaritana” mostra-se, assim, bastante problemática. Não basta o impulso ético e o desejo de uma prática pastoral baseada na misericórdia e na compaixão. A rigor, a Igreja somente pode ser avaliada *a posteriori* no que diz respeito à sua prática de misericórdia e compaixão. *A priori* apenas se justifica nossa reta intenção quanto a projetos pastorais que priorizem isso. Ainda não sabemos se no futuro seremos avaliados como tendo sido uma Igreja compassiva e misericordiosa. Melhor do que propalar um “título” problemático, será a elaboração e execução de projetos sociais e comunitários em nome da Igreja de Jesus mesmo.

¹³ A mulher samaritana do quarto evangelho (*Jo* 4,1-42) não pode ser apresentada como paradigma de uma “Igreja samaritana” por sua suposta coragem de vencer seu preconceito contra os judeus. Nesse episódio, não é a samaritana, mas Jesus que toma a iniciativa. O encontro acontece porque Jesus venceu o preconceito e foi capaz de em público dirigir a palavra a uma mulher que, além disso, ainda era samaritana. Jesus toma simultaneamente duas atitudes inusitadas para qualquer homem daquele tempo. A mulher não tinha permissão para dirigir-se a homem algum em público. Para uma boa exegese, não se pode ignorar tais condicionamentos sócio-culturais. A crítica redacional nos indica que esse texto pode ser a voz da comunidade cristã que se formou na Samaria (cf. *At* 1,8; 8,4-8).